

VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS ASSOCIADAS À MUDANÇA NA TOLERÂNCIA NAS RELAÇÕES DE AMIZADE NA PANDEMIA PELA COVID-19

SOCIODEMOGRAPHIC VARIABLES ASSOCIATED ALTERED TOLERANCE IN FRIENDSHIP RELATIONS IN THE COVID-19 PANDEMIC

VARIABLES SOCIODEMOGRÁFICAS ASOCIADAS CON EL CAMBIO EN LA TOLERANCIA EN LAS RELACIONES DE AMISTAD EN LA PANDEMIA POR COVID-19

Iel Marciano de Moraes Filho¹
Thais Vilela de Sousa²
Thaís Pereira Lima³
Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha⁴
Mayara Cândida Pereira⁵
Rodrigo Marques da Silva⁶

Como citar este artigo: Moraes Filho IM, Sousa TV, Lima TP, Carvalho Filha FSS, Pereira MC, Silva RM. Variáveis sociodemográficas associadas à mudança na tolerância nas relações de amizade na pandemia pela COVID-19. Rev baiana enferm. 2020;34:e38396.

Objetivo: verificar a associação entre variáveis sociodemográficas e mudança na tolerância nas relações de amizade durante a pandemia pela COVID-19. **Método:** estudo transversal realizado nas cinco macrorregiões brasileiras, de junho a julho de 2020, mediante aplicação de um questionário sociodemográfico, um questionário semiestruturado e o Instrumento de Avaliação da tolerância nas relações de amizade. Utilizou-se o teste qui-quadrado e exato de Fischer para a análise de dados. **Resultados:** 88,9% consideram satisfatória a tolerância nas relações no ambiente domiciliar, 82,8% tiveram ajuda de amigos para superar as tensões, 73% perceberam mudança nas relações durante a quarentena. Essa mudança foi maior entre heterossexuais ($p=0,001$), residentes no Sudeste e Centro-Oeste ($p=0,001$), com ensino superior concluído ($p=0,004$), vinculados a instituições privadas ($p<0,001$) e que receberam ajuda dos amigos durante a quarentena ($p<0,001$). **Conclusão:** os fatores sociodemográficos e o suporte social recebido dos amigos estão associados às mudanças na tolerância nas relações de amizade durante a pandemia.

Descritores: Relações Interpessoais. Amigos. COVID-19. Pandemias. Isolamento Social.

Objective: to verify the association between sociodemographic variables and altered tolerance in friendship relationships during the COVID-19 pandemic. Method: cross-sectional study conducted in the five Brazilian macro-regions, from June to July 2020, through the application of a sociodemographic questionnaire, a semi-structured questionnaire and the Instrument for Assessing tolerance in friendship relationships. Fischer's

¹ Enfermeiro. Mestre em Ciências Ambientais e Saúde. Professor da Universidade Paulista. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-0798-3949>.

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-7498-516X>.

³ Estudante de Enfermagem. Universidade Paulista. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-6657-2998>.

⁴ Enfermeira. Doutora em Saúde. Professora da Universidade Estadual do Maranhão. Balsas, Maranhão, Brasil. <http://orcid.org/0000-0001-5197-4671>.

⁵ Enfermeira. Mestre em Gerontologia. Universidade Católica de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-0242-6262>.

⁶ Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor da Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires. Valparaíso de Goiás, Goiás, Brasil. marques-sm@hotmail.com. <http://orcid.org/0000-0003-2881-9045>.

chi-square and exact tests were used for data analysis. Results: 88.9% considered satisfactory tolerance in relationships in the home environment, 82.8% had help from friends to overcome tensions, 73% perceived a change in relationships during quarantine. This change was higher among heterosexuals ($p=0.001$), residents in the Southeast and Midwest ($p=0.001$), with complete higher education ($p=0.004$), linked to private institutions ($p<0.001$) and who received help from friends during quarantine ($p<0.001$). Conclusion: sociodemographic factors and social support received from friends are associated with changes in tolerance in friendship relationships during the pandemic.

Descriptors: Interpersonal Relationships. Friends. COVID-19. Pandemics. Social Isolation.

Objetivo: verificar la asociación entre variables sociodemográficas y cambio en la tolerancia en las relaciones de amistad durante la pandemia por COVID-19. Método: estudio transversal realizado en las cinco macrorregiones brasileñas, de junio a julio de 2020, mediante la aplicación de un cuestionario sociodemográfico, un cuestionario semiestructurado y el Instrumento para la Evaluación de la tolerancia en las relaciones de amistad. La prueba chi-cuadrada y exacta de Fischer se utilizó para el análisis de datos. Resultados: el 88,9% consideró una tolerancia satisfactoria en las relaciones en el entorno doméstico, el 82,8% tuvo ayuda de amigos para superar las tensiones, el 73% percibió un cambio en las relaciones durante la cuarentena. Este cambio fue mayor entre los heterosexuales ($p=0,001$), residentes en el sureste y el medio oeste ($p=0,001$), con la educación superior completada ($p=0,004$), vinculada a instituciones privadas ($p<0.001$) y que recibieron ayuda de amigos durante la cuarentena ($p<0.001$). Conclusión: los factores sociodemográficos y el apoyo social recibido de los amigos están asociados con cambios en la tolerancia en las relaciones de amistad durante la pandemia.

Descritores: Relaciones Interpersonales. Amigos. Covid-19. Pandemias. Aislamiento Social.

Introdução

Desde dezembro de 2019 o mundo encontra-se em franca pandemia de COVID-19. Uma doença ainda pouco explicada pela ciência e da qual ainda não se consegue prever ou mensurar todos os impactos⁽¹⁾. O número de mortes, crescente a cada dia, possibilita perceber a quantidade de vidas humanas perdidas para a doença. Entretanto, ainda há efeitos psicológicos, sociais e econômicos que também não foram ainda amplamente explorados⁽²⁾.

Dentre os efeitos psicoemocionais, essa crise global de saúde impõe altas cargas psicológicas, não só pelo pânico em virtude da transmissibilidade, do risco de óbito entre as diversas populações, pela falta de tratamento eficaz ou vacina, ou ainda pela incerteza de como será o futuro, mas também pelas medidas de prevenção da disseminação que vêm sendo implementadas, como o isolamento social⁽²⁾.

O isolamento social tem, por sua vez, gerado seus próprios desafios. Desde a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que a COVID-19 se tratava de uma emergência global e, especificamente no Brasil, desde a notificação do primeiro caso⁽³⁾, essa crise de saúde tem

promovido modificações nos relacionamentos interpessoais, seja no ambiente de trabalho seja no lar das pessoas⁽⁴⁾.

Sendo assim, tendo em vista as medidas de prevenção da disseminação da COVID-19, as relações interpessoais podem se encontrar prejudicadas⁽⁵⁾. E na ausência de vínculos de amizade importantes, é possível que quadros, como por exemplo, ansiedade e depressão, apareçam ou piorem. Esses achados destacam a influência das relações sociais, em específico, das relações de amizade, na minimização do impacto negativo do isolamento social da COVID-19⁽⁶⁾.

Os relacionamentos interpessoais ainda podem sofrer a influência de características socioeconômicas, pois são algumas dessas características que unem e homogeneizam o grupo, e consequentemente, podem, por sua vez, influenciar o nível de tolerância das relações⁽⁷⁾.

Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi verificar a associação entre variáveis sociodemográficas e a mudança na tolerância nas relações de amizade durante a pandemia pela COVID-19.

Método

Trata-se de estudo transversal, analítico e quantitativo, realizado com a população brasileira das cinco macrorregiões (Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), entre junho e julho de 2020. Foram incluídos indivíduos com mais de 18 anos, com acesso à Internet por meio da inscrição a plataformas digitais sociais de relacionamento ou mensagens. Foram excluídos os participantes que não preencheram totalmente as questões do instrumento de pesquisa. Para tanto, utilizou-se uma amostra não probabilística do tipo conveniência, encerrando-se a coleta de dados quando obtido um número mínimo de 5.000 pessoas, incluindo todas as macrorregiões brasileiras.

Os dados foram coletados por meio dos seguintes instrumentos autoaplicáveis: questionário sociodemográfico; questionário semiestruturado sobre o padrão das relações interpessoais e o sentimento singular de cada participante a respeito da pandemia de COVID-19; e Instrumento de Avaliação da Tolerância nas Relações de Amizade (ATRA)⁽⁸⁾. Esses foram digitados no formulário do Google® e submetidos pelas plataformas sociais: Facebook®, Twitter®, WhatsApp® e Instagram®. Tais instrumentos só puderam ser respondidos após a confirmação digital de aceite em participar do estudo, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário sociodemográfico, construído pelos autores, envolveu as seguintes variáveis: Unidade da Federação, data de nascimento, gênero, orientação sexual, raça, escolaridade, instituição de ensino superior, renda mensal, região de moradia e com quem reside (sozinho(a) ou não). O questionário semiestruturado abordou sobre o padrão das relações e o sentimento a respeito da pandemia de COVID-19, e conteve as seguintes perguntas: “No seu ambiente familiar, a tolerância de amizade é satisfatória?”, “Os seus amigos lhe ajudaram a superar as tensões vivenciadas durante o período de quarentena/isolamento social da COVID-19?”, “Você acredita que houve mudanças nas suas relações de amizade

desde o início da quarentena/isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19?”.

A ATRA⁽⁸⁾ foi construída em 2019, para avaliação da tolerância nas relações de amizade⁽⁸⁾. Sua construção foi baseada na Análise semântica de evidências⁽⁹⁾ e fundamentada no processo de construção de escalas psicométricas⁽¹⁰⁾. Ela é composta por 21 itens, dispostos em escala tipo *likert* de cinco pontos, em que: 1 – concordo totalmente, 2 – concordo parcialmente, 3 – não concordo e nem discordo, 4 – discordo parcialmente e 5 – discordo totalmente. Após a soma das pontuações assinaladas em cada item, obtêm-se os escores do grau da tolerância de amizade, em que quanto menor a pontuação, maior a tolerância das relações de amizade. Com base na média geral para a população pesquisada, a tolerância de amizade é dicotomizada em alta tolerância (quando o indivíduo apresenta escore superior à média da população) e baixa tolerância (quando o indivíduo apresenta escore inferior à média da população). Os itens de maior média representam as situações em que há maior tolerância nas relações de amizade entre os indivíduos⁽⁸⁾.

Para a organização e análise dos dados, foi construído um banco de dados no programa Excel (Office 2020) e utilizado o programa *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 25.0. As variáveis qualitativas foram apresentadas em valores absolutos (n) e percentuais (%). As variáveis quantitativas foram expostas em medidas descritivas: valores mínimos e máximos, média e desvio-padrão.

Para testar a associação entre variáveis categóricas de interesse, foram utilizados os testes Exato de Fischer (para matrizes com valor esperados inferiores a 0,20) e qui-quadrado. Valores de p inferiores a 0,05 foram considerados estatisticamente significativos. O alfa de Cronbach foi utilizado para análise da confiabilidade do instrumento aplicado⁽¹¹⁾. Ainda, foi utilizado o sistema Wordle, disponível no sítio “www.wordle.net”, para a construção da nuvem de palavras para a variável “sentimento a respeito da pandemia de COVID-19”. Essa técnica consiste em usar

tamanhos e fontes de letras diferentes, de acordo com a frequência das palavras no texto analisado⁽¹²⁾.

Este projeto faz parte de um estudo maior, intitulado: Tolerância nas Relações de Amizade no Contexto da Pandemia de COVID-19. O projeto foi submetido, via plataforma Brasil, para apreciação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo aprovado sob Parecer n. 4.113.127, em 26 de junho de 2020. Além disso, atendendo às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/12, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado e assinado antes da resposta aos instrumentos (em modo *on-line*) pelos sujeitos que aceitaram participar da pesquisa.

Resultados

Das 5.315 pessoas que foram convidadas para o estudo, 24 não aceitaram participar, o que levou a uma população de 5.291 sujeitos. A análise do Alfa de Cronbach demonstrou valor de 0,80 para os 21 itens do ATRA, o que atesta confiabilidade satisfatória ao instrumento. Na Tabela 1, apresentam-se os dados de caracterização sociodemográfica da população pesquisada.

Observa-se o predomínio de sujeitos com idades entre 18 e 29 anos (64,0%), do sexo feminino (81,5%), heterossexuais (71,2%), da raça/cor branca (50,7%), que recebem entre 4 e 10 salários mínimos (31,1%). Eles estão vinculados a instituições privadas de ensino (40,4%), possuem ensino superior completo (51,4%), são oriundos do Centro-Oeste (33,8%) e Sudeste (33,3%) e a maioria mora com outras pessoas (86,9%).

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da população pesquisada. Brasil – 2020. (N=5.291) (continua)

Variáveis	n
Faixa etária	
18 a 29 anos	3.403
30 a 49 anos	1.450
50 a 59 anos	196
≥60 anos	242
Gênero	
Feminino	4.310
Masculino	956
Outro	25
Orientação Sexual	
Heterossexual	3.768
Homossexual	621
Bissexual	786
Outros	89
Não responderam	27
Instituição de Ensino Superior	
Pública	1.743
Privada	2.135
Nenhuma instituição de ensino no momento	1.413
Escolaridade	
Ensino fundamental	55
Ensino médio	1.212
Ensino superior	2.717
Pós-graduação	946
Mestrado	265
Doutorado	96

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da população pesquisada. Brasil – 2020. (N=5.291) (conclusão)

Variáveis	n
Mora Sozinha(o)	
Sim	693
Não	4.598
Raça	
Amarela	149
Branca	2.685
Indígena	20
Parda	1.777
Preta	615
Outra	45
Renda Mensal	
20 ou mais salários mínimos	204
Entre 10 e 20 salários mínimos	632
Entre 4 e 10 salários mínimos	1.647
Entre 2 e 4 salários mínimos	1.549
Até 2 salários mínimos	1.259
Região de moradia	
Centro-Oeste	1.789
Sul	528
Sudeste	1.760
Nordeste	984
Norte	182
Fora do Brasil	48

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 2 apresenta-se a avaliação do padrão das relações interpessoais e o sentimento singular de cada participante a respeito da pandemia de COVID-19. Observa-se predomínio de indivíduos que consideram satisfatória sua tolerância nas relações de amizade no ambiente

domiciliar (88,9%) cujos amigos os ajudaram a superar as tensões vivenciadas durante o período de quarentena/isolamento social (82,8%) e que acreditam ter havido mudança nas relações de amizade desde o início da quarentena (73%).

Tabela 2 – Padrão das relações interpessoais e o sentimento singular de cada participante a respeito da pandemia de COVID-19. Brasil – 2020. (N=5.291)

Questões	n
No seu ambiente familiar, a tolerância de amizade é satisfatória?	
Sim	4.704
Não	587
Os seus amigos lhe ajudaram a superar as tensões durante o isolamento social da COVID-19?	
Sim	4.382
Não	909
Você acredita que houve mudanças nas suas relações de amizade desde o início da quarentena/isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19?	
Sim	3.863
Não	1428

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 4 descrevem-se os resultados da análise de associação das características sociodemográficas e o padrão das relações interpessoais/sentimentos com a mudança nas relações de tolerância de amizade durante a pandemia pela COVID-19. Observa-se associação estatisticamente significativa da orientação sexual ($p=0,001$), região de moradia ($p=0,001$), escolaridade ($p=0,004$) e instituição de ensino superior ($p<0,001$) com a mudança nas relações

de tolerância de amizade ($p<0,001$), de maneira que o percentual de mudança nas relações de amizade foi maior entre heterossexuais (51,2%), residentes no Sudeste (24,6%) e Centro-Oeste (24,0%), com ensino superior concluído (38,4%) e vinculados a instituições privadas (29,9%). Além disso, a mudança nas relações de tolerância de amizade foi maior entre os sujeitos que relataram receber ajuda dos amigos para superar as tensões durante o isolamento social (59,6%).

Tabela 4 – Análise de associação das características sociodemográficas/padrão das relações interpessoais com a mudança nas relações de tolerância de amizade durante a pandemia pela COVID-19. Brasil – 2020. (N=5.291) (continua)

Variável**	Mudança nas relações de tolerância de amizade na pandemia	
	Sim n (%)	Não n (%)
Orientação Sexual		
Heterossexual	2.696 (51,2%)	1.072 (20,4%)
Homossexual	474 (9,0%)	147 (2,8%)
Bissexual	609 (11,6%)	177 (3,4%)
Outros	63 (1,2%)	26 (0,5%)
Região de moradia		
Centro-Oeste	1.269 (24,0%)	520 (9,8%)
Sul	419 (7,9%)	109 (2,1%)
Sudeste	1.299 (24,6%)	461 (8,7%)
Nordeste	705 (13,3%)	279 (5,3%)
Norte	141 (2,7%)	41 (0,8%)
Fora do Brasil	30 (0,6%)	18 (0,3%)
Escolaridade		
Ensino fundamental	37 (0,7%)	18 (0,3%)
Ensino médio	885 (16,7%)	327 (6,2%)
Ensino superior	2031(38,4%)	686 (13,0%)
Pós-graduação	658 (12,4%)	288 (5,4%)
Mestrado	193 (3,6%)	72 (1,4%)
Doutorado	59 (1,1%)	37 (0,7%)
Instituição de Ensino Superior		
Pública	1.310 (24,8%)	433 (8,2%)
Privada	1580 (29,9%)	555 (10,5%)
Nenhuma instituição de ensino	973 (18,4%)	440 (8,3%)

Tabela 4 – Análise de associação das características sociodemográficas/padrão das relações interpessoais com a mudança nas relações de tolerância de amizade durante a pandemia pela COVID-19. Brasil – 2020. (N=5.291) (conclusão)

Variável**	Mudança nas relações de tolerância de amizade na pandemia	
	Sim n (%)	Não n (%)
Os seus amigos lhe ajudaram a superar as tensões durante o isolamento social da COVID-19?		
Sim	3.156 (59,6%)	1.226 (23,2%)
Não	707 (13,4%)	202 (3,8%)

Fonte: Elaboração própria.

Notas:

* Associação estatisticamente significativa.

** As variáveis gênero, raça, morar sozinha(o) e renda mensal não apresentaram associação estatisticamente significativa ($p < 0,05$) com o desfecho estimado.

Discussão

Os dados sociodemográficos encontrados em outro estudo⁽⁵⁾, também realizado no Brasil em todas as Unidades Federativas e igualmente utilizando as redes sociais para a coleta de dados, demonstrou que das 16.440 respostas válidas da amostra, 69% das pessoas foram do sexo feminino, corroborando o padrão encontrado neste estudo. Entretanto, no que tange à renda, em pesquisa de abrangência nacional⁽⁵⁾ foi observado que 34% das respostas estavam na faixa de até 2 salários mínimos, em oposição aos achados desta pesquisa, segundo os quais a maior parte dos entrevistados tinham renda de 4 a 10 salários mínimos. Acredita-se que essa diferença na faixa de renda se justifique devido a este estudo ter grande parte dos participantes residentes, em sua maioria, em regiões mais privilegiadas do país, como Centro-Oeste e Sudeste.

Mesmo assim, quando a população estudada não reflete a realidade brasileira, em que mais da metade da população vive com menos de um salário mínimo ou na informalidade, é importante ressaltar que, para essas pessoas, as medidas de quarentena, a situação de vulnerabilidade social, o fato de não ter acesso a água tratada, a dificuldade de compreender as medidas de prevenção contra a COVID-19⁽¹³⁻¹⁴⁾ e toda essa

complexidade social pode conferir discrepância da realidade retratada e, assim, não permite que os dados possam ser generalizados e representativos para toda a população brasileira.

Em relação ao nível de escolaridade, que na população deste estudo foi em maior parte o ensino superior, esta associação pode se dar pelo fato de que a experiência universitária pode influenciar aspectos sociais, técnicos, cognitivos e afetivos dos estudantes. Semelhante ao encontrado neste estudo, outra pesquisa concluiu que pessoas com nível superior apresentam níveis maiores de altruísmo e flexibilidade interpessoal. Esse fato sugere que a escolaridade em nível superior pode influenciar aspectos afetivos e cognitivos da empatia, propiciando explicar a associação encontrada^(7,15). Sob outra ótica, um estudo chinês⁽¹⁶⁾ com jovens demonstrou que quando altamente instruídos, eles demonstram não precisarem de apoio psicológico profissional, o que pode estar associado com a maturidade emocional mais desenvolvida.

Na amostra estudada, 40,4% dos participantes estão vinculados a instituições privadas de ensino e estão contidos em faixa etária entre 18 e 29 anos (64,0%). Sabe-se que esta população foi impactada em suas atividades acadêmicas, uma vez que as medidas de prevenção da disseminação da COVID-19 incluíram fechamento de escolas e

universidades. Logo, nessa parcela da população, cuja principal ocupação são os estudos, a pandemia parece ter um efeito maior com consequências psicológicas e dificuldades para o desenvolvimento normal do ano letivo, como evidenciou um estudo⁽¹⁷⁾ na China, primeiro país afetado que adotou as medidas restritivas de isolamento social/ quarentena. Além disso, uma pesquisa espanhola⁽¹⁸⁾, realizada com 1.596 pessoas durante a pandemia, verificou que, em pessoas mais velhas, a idade funciona como um fator de proteção no que tange ao enfrentamento da pandemia, acarretando menores impactos psicológicos nessas pessoas em relação à crise social e de saúde causada pela pandemia, caracterizando um antagonismo entre as faixas etárias.

Também se observou predomínio de indivíduos que consideram satisfatória sua tolerância de amizade no ambiente domiciliar (88,9%). Nesse contexto, é imprescindível destacar que a convivência conjugal surge como fonte de apoio social, produzindo efeitos mais significativos do que o apoio de outras pessoas da rede de relacionamentos interpessoais⁽¹⁹⁾.

Para além da relação conjugal, a rede familiar também se constitui como apoio social ativo que se estabelece durante o processo de socialização com os filhos. Recurso este, que vem sendo utilizado neste momento de isolamento social que se vivencia. Se ampliada a perspectiva, além de um vínculo baseado em sentimentos de segurança, confiança e amor, percebe-se que a resiliência é tecida em uma rede de relacionamentos e experiências no decorrer do ciclo de vida e entre as gerações⁽¹⁹⁾.

Os resultados deste estudo também destacaram que amigos ajudaram a superar as tensões vivenciadas durante o período de quarentena/isolamento social e que acreditam ter havido mudança nas relações de amizade desde o início da quarentena. Assim, as relações parecem ter se mostrado como importante ferramenta e estratégia de enfrentamento associada ao tempo ocioso, manutenção de rotinas e hábitos em convivência durante o isolamento, em que os indivíduos perceberam que o apoio das pessoas com quem vivem e ocupam tempo e espaço

torna-se um fator preditor para o enfrentamento das adversidades⁽²⁰⁾, corroborando os achados deste estudo.

Não obstante o suporte relatado pelos participantes, os sentimentos perante a pandemia de COVID-19 mais citados foram ansiedade, medo, tristeza e angústia. Em consonância, em um estudo⁽²¹⁾ realizado com 14.992 pessoas, no ano de 2015, durante a epidemia de Síndrome Respiratória do Oriente Médio, foram identificados sintomas de ansiedade e raiva em pessoas, bem como fatores de risco para tais sentimentos, tanto no período de isolamento quanto em 4 a 6 meses após a liberação da quarentena.

A duração da quarentena também está associada a problemas psicológicos, uma vez que, quanto mais tempo os indivíduos experienciarem o isolamento, mais estressores podem ser vivenciados, tendo em vista que estes ainda poderão ser desencadeados pós-pandemia⁽²²⁾.

Também estudos⁽²³⁾ com a população chinesa, primeiro país que adotou a quarentena e o isolamento social como medidas protetivas à disseminação do novo coronavírus, indicam que há possíveis consequências de sofrimento psicológico geral desse confinamento em massa. Em uma amostra de mais de mil chineses, os resultados mostraram maior índice de ansiedade, depressão, uso nocivo de álcool e menor bem-estar mental do que os índices populacionais usuais⁽²³⁾.

Embora existam medidas para impedir que o contágio pareça não estar relacionado com o impacto psicológico, existem várias estratégias de enfrentamento que podem ajudar a reduzi-lo, como a manutenção de uma rotina diária, o exercício da leitura, a redução da superexposição à informação sobre a pandemia e o trabalho da espiritualidade, objetivando a integração de várias dimensões do cuidado em saúde visando a promoção do bem-estar da pessoa e família^(18,24).

O presente estudo demonstrou que os pesquisados em sua maioria (53,1%) não são tolerantes na relação de amizade. Mesmo assim, foram mais frequentemente apontadas as situações: “Aceito os defeitos dos meus amigos, pois

sei que também tenho defeitos; esforçar-se para encontrar algo bom nas pessoas; entender e manter amizades demanda dedicação extrema; e pedir desculpas mesmo não estando errado(a) por saber que também tem defeitos”, isto é, situações em que as pessoas são mais tolerantes. Assim, eles reconhecem os fatores para um bom relacionamento de amizade, mas não os praticam. Este achado pode ser explicado pelo fato de que durante o período de quarentena, o efeito psicológico negativo da situação é tão influente que pode mudar o padrão do comportamento das pessoas e ocasionar perda do controle e equilíbrio entre as relações⁽²²⁾.

Além disso, no caso de jovens estudantes, as instituições privadas de ensino adequaram-se durante a quarentena e o isolamento social de forma a não paralisar totalmente suas atividades, mantendo-se conectadas de algum modo e, assim, os jovens estiveram mais conectados por meio das redes sociais, lendo ou conversando⁽⁶⁾.

Outro fator destacado foi receber ajuda de amigos durante a quarentena, mesmo nos menores níveis de tolerância. Esse fato pode ter ocorrido devido aos familiares não saberem como dispensar ajuda para essa nova demanda. Além disso, é importante dar-lhes a chance de se expressar e dizer quais as suas necessidades reais para ser ajudado⁽²⁵⁾.

O estudo tem limitações pelo fato de não retratar todos os extratos sociais e etários da população brasileira, além de não existirem muitos estudos com esta abordagem, para promover ampla discussão e debate sobre o tema, com repercussão até nas possíveis explicações para as associações encontradas. Mesmo assim, para captar o fenômeno das relações em plena quarentena, utilizou-se de tecnologias leves aplicadas a muitos participantes, oportunizando a variabilidade dos resultados que podem refletir o momento vivenciado pela sociedade e o impacto da pandemia nas relações.

Conclusão

Os indivíduos consideraram satisfatória sua tolerância nas relações de amizade no ambiente

domiciliar, os amigos ajudaram a superar as tensões vivenciadas no isolamento social e acreditam ter havido mudança nas relações de amizade desde o início da quarentena. Os sentimentos perante a pandemia de COVID-19 mais citados foram ansiedade e medo, seguidos por tristeza e angústia.

Houve predomínio de baixa tolerância nas relações de amizade na população analisada. Observou-se que “aceitar os defeitos dos amigos; compreender amizade como aceitar a outra pessoa do jeito que ela é; esforçar-se para encontrar algo bom nas pessoas; entender e manter amizades demanda dedicação extrema; e pedir desculpas mesmo não estando errado(a)” foram as situações nas quais os sujeitos são mais tolerantes em suas relações de amizade.

O percentual de mudança nas relações de amizade foi maior, com associação estatisticamente significativa entre heterossexuais (51,2%), residentes no Sudeste (24,6%) e Centro-Oeste (24,0%), com ensino superior concluído (38,4%) e vinculados a instituições privadas (29,9%). Além disso, a mudança nas relações de tolerância de amizade foi maior entre os sujeitos que relataram receber ajuda dos amigos para superar as tensões durante o isolamento social (59,6%). Assim, conclui-se que os fatores sociodemográficos e o suporte social recebido dos amigos estão associados às mudanças na tolerância nas relações de amizade durante a pandemia pela COVID-19.

Colaborações:

1 – concepção, projeto, análise e interpretação dos dados: Iel Marciano de Moraes Filho, Thais Vilela de Sousa, Thaís Pereira Lima e Rodrigo Marques da Silva;

2 – redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Iel Marciano de Moraes Filho, Thais Vilela de Sousa, Thaís Pereira Lima, Francidalma Soares Sousa Carvalho Filha, Mayara Cândida Pereira e Rodrigo Marques da Silva;

3 – aprovação final da versão a ser publicada: Iel Marciano de Moraes Filho, Thais Vilela de Sousa, Thaís Pereira Lima, Francidalma Soares

Sousa Carvalho Filha, Mayara Cândida Pereira e Rodrigo Marques da Silva.

<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/383>

Referências

1. Wang D, Hu B, Hu C, Zhu F, Liu X, Zhang J, et al. Clinical characteristics of 138 hospitalized patients with 2019 novel coronavirus-infected pneumonia in Wuhan, China. *JAMA*. 2020;323(11):1061-9. DOI: <https://doi.org/10.1001/jama.2020.1585>
2. Ornell F, Schuch JB, Sordi AO, Kessler FHP. "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies. *Braz J Psychiatry*. 2020;42(3):232-5. DOI:10.1590/1516-4446-2020-0008
3. Sociedade Brasileira de Infectologia. Informativo da sociedade brasileira de infectologia: primeiro caso confirmado de doença pelo novo coronavírus (COVID-2019) no Brasil – 26/02/2020 [Internet]. São Paulo; 2020 [cited 2020 Aug 5]. Available from: <https://cbc.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Informativo-CoV-26-02-2020.pdf.pdf-1.pdf>
4. Bavel JJV, Baicker K, Boggio PS, Capraro V, Cichocka A, Cikara M, et al. Using social and behavioural science to support COVID-19 pandemic response. *Nat Hum Behav*. 2020;4:460-71. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41562-020-0884-z>
5. Bezerra ACV, Silva CEM, Soares FRG, Silva JAM. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciênc saúde coletiva*. 2020;25(Suppl 1):2411-21. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>
6. Martínez-Taboas A. Pandemias, COVID-19 y Salud Mental: ¿Qué Sabemos Actualmente? *Rev Cari Psicol*. 2020;4(2):143-52. DOI: <https://doi.org/10.37226/rcp.v4i2.4907>
7. Moraes-Filho IM, Nascimento FA, Bastos GP, Barros Júnior FES, Silva RM, Santos ALM, et al. Fatores sociodemográficos e acadêmicos relacionados à resiliência dos graduandos da área da saúde. *Rev Cient Sena Aires*. 2020;9(2):291-303. DOI: <https://doi.org/10.36239/revisa.v9.n2.p291a303>
8. Moraes-Filho IM, Carvalho LF, Melo LE, Marcelo MRD, Santos YM, Faria MRGV. Construção do instrumento para avaliação da tolerância nas relações de amizade. *Rev Cient Sena Aires* [Internet]. 2019 [cited 2020 Jul 15];8(1):71-9. Available from: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/383>
9. França AB, Schelini PW. Análise semântica e evidências de validade da escala metacognitiva para idosos. *Aval psicol* [Internet]. 2014 [cited 2020 Aug 7];13(3):333-41 Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v13n3/v13n3a05.pdf>
10. Reppold CT, Gurgel LG, Hutz CS. O processo de construção de escalas psicométricas. *Aval psicol*. [Internet]. 2014 [cited 2020 Aug 7];13(2):307-10. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v13n2/v13n2a18.pdf>
11. Hair Jr JF, Anderson RE, Tatham RL, Black WC. Análise multivariada de dados. 5a ed. Porto Alegre: Bookman; 2005.
12. Carvalho Jr PM, Rosa RSL, Sgambatti MS, Adachi EA, Carvalho VCL. Avaliação do programa de residência multiprofissional em saúde da família: uma análise qualitativa através de duas técnicas. *Rev Hosp Univ Pedro Ernesto* [Internet]. 2012 [cited 2020 Aug 7];11(Suppl 1):114-9. Available from: <https://pdfs.semanticscholar.org/b068/d441c92627c1d547c2abcd09385525a15c18.pdf>
13. Silva MHA, Procópio IM. A fragilidade do sistema de saúde brasileiro e a vulnerabilidade social diante da COVID-19. *Rev Bras Promoç Saúde*. 2020;33:10724. DOI: <https://doi.org/10.5020/18061230.2020.10724>
14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo IBGE 2010 [Internet]. Rio de Janeiro (RJ); 2010 [cited 2020 Aug 7]. Available from: <https://censo2010.ibge.gov.br>
15. Pinho VD, Fernandes CS, Falcone EMO. A influência da idade e da escolaridade sobre a experiência empática de adultos. *Estud pesqui* [Internet]. 2011 [cited 2020 Aug 7];11(2):456-71. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v11n2/v11n2a06.pdf>
16. Carter E, Moname R, Peccoralo L, Chipman J, Chacko S, Duran A, et al. Missed opportunities to engage patients in collaborative care challenge program sustainability: A qualitative study. *Gen Hosp Psychiatry*. 2020;66:81-8. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.genhosppsych.2020.05.007>
17. Cao W, Fang Z, Hou G, Han M, Xu X, Dong J, et al. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. *Psiquiatria Res*. 2020;287:112934. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>

18. González AP, Jariego JCL. Covid-19: factores asociados al malestar emocional y morbilidad psíquica en población española. *Rev Esp Salud Pública* [Internet]. 2020 [cited 2020 Aug 7];94:e202006058. Available from: https://www.mscbs.gob.es/biblioPublic/publicaciones/recursos_propios/resp/revista_cdrom/VOL94/ORIGINALES/RS94C_202006058.pdf
19. Cecconello AM, Koller SH. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estud psicol. (Natal)*. 2000;5(1):71-93. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X200000100005>
20. Lasa NB, Benito JG, Montesinos MDH, Manterola AG, Sánchez JPE, García JLP, et al. Las consecuencias psicológicas de la COVID-19 y el confinamiento [Internet]. Espanha (ESP): Universidad del País Vasco; 2020 [cited 2020 Aug 10]. Available from: https://www.ub.edu/web/ub/ca/menu_eines/noticies/docs/Consecuencias_psicologicas_COVID-19.pdf
21. Jeong H, Yim HW, Song Y, Ki M, Min J, Cho J, et al. Mental health status of people isolated due to Middle East respiratory syndrome. *Epidemiol Health*. 2016;38:e2016048. DOI: <https://doi.org/10.4178/epih.e2016048>
22. Brooks SK, Webster RK, Smith LE, Woodland L, Wessely S, Greenberg N, et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *Lancet*. 2020;395(10227):912-20. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
23. Ahmed MZ, Ahmed O, Aibao Z, Hanbin S, Siyu L, Ahmad A. Epidemic of COVID-19 in China and Associated Psychological Problems. *Asian J Psych*. 2020;51:1-25. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2020.102092>
24. Tavares CQ. Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19). *J Health NPEPS*. 2020;5(1):1-4. DOI: <http://dx.doi.org/10.30681/252610104517>
25. Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais. Rede de Apoio às Famílias com Covid. Segura a Onda. Guia para pessoas que perdem um ente querido em tempos de coronavírus (COVID-19) [Internet]. Santa Catarina; 2020 [cited 2020 Aug 7]. Available from: <https://seguraaonda.com.br/wp-content/uploads/2020/05/guiavitimas-final.pdf>

Recebido: 13 de agosto de 2020

Aprovado: 14 de setembro de 2020

Publicado: 26 de outubro de 2020



A *Revista Baiana de Enfermagem* utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais. Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.